

Monomito: o mito na comunicação

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura produzido sob a orientação do Professor Dr. Dennis de Oliveira.

CELACC/ECA-USP

2011

RESUMO

O tema escolhido adquire importância para a desconstrução do discurso hegemônico. Este artigo divide-se em duas partes: a primeira contém uma reflexão teórica e a segunda a pesquisa sobre a cobertura do chamado “massacre no Realengo” (RJ), em 2011, dado o cenário construído: uma situação de conflito, um personagem que é herói e outro, anti-herói.

A hipótese defendida é que as supostas objetividade e neutralidade do jornalismo atravessam toda a arquitetura de construção da notícia, cedendo espaço para a subjetividade e a construção de mitos na mídia. Chegou-se à conclusão que esse processo se dá por meio da hierarquização da notícia, pela utilização de padrões de manipulação, pela escolha de fontes e pelo jornalismo que se quer opinativo.

PALAVRAS-CHAVE

Mito. Informação. Jornalismo Opinativo. Comunicação. Legitimação.

ABSTRACT

The myth in the construction of communication becomes important for the deconstruction of the hegemonic speech. To this end, this article is divided into two parts: the first is theoretical and the second comes from the research on the media coverage of the attack in municipal school, in Realengo (RJ), in 2011, given the scenario constructed: a conflict situation, a character who is hero, and another anti-hero.

The hypothesis defended is that the supposed neutrality and objectivity of journalism across the entire architecture for the news, giving way to the subjectivity and the construction of myths in the media. The conclusion is that this process takes place through the hierarchy of the news, the use of standards for handling, the choice of sources, the opinion journalism.

KEYWORDS

Myth. Information. Opinion journalism. Communication. Legitimate.

RESUMÉN

El tema gana importancia para la deconstrucción del discurso hegemónico. Este artículo se divide en dos partes: la primera contiene una reflexión teórica y, la segunda, la cobertura de la llamada "masacre de Realengo" (RJ), en 2011, dado el escenario construido: una situación de conflicto, un personaje que es héroe y otro anti-héroe.

El hipótesis es que la supuesta neutralidad y objetividad del periodismo cruce a toda la arquitectura de la noticia, dando espacio a la subjetividad y la construcción de los mitos en los medios de comunicación. A conclusión és de que este proceso se lleva a cabo a través de la jerarquía de las noticias, el uso de estándares para el manejo, la elección de las fuentes y lo periodismo dogmático.

PALABRAS CLAVE

Mito. Información. Periodismo de opiniones. Comunicación. Legitimación.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. O QUE É MITO.....	8
3. O MITO ÚTIL NA COMUNICAÇÃO.....	11
4. O “MASSACRE DO REALENGO”	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
BIBLIOGRAFIA.....	20
ANEXOS.....	22
ANEXO 1	23
ANEXO 2	28
ANEXO 3	46
ANEXO 4	69
ANEXO 5	94
ANEXO 6	96
ANEXO 7	98
ANEXO 8	105

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo científico foi realizar uma leitura dos meios de comunicação de massa diante da diversidade das fórmulas de manipulação da produção midiática e a criação de mitos e sua legitimidade, no cenário da pós-modernidade¹.

A hipótese defendida foi que as supostas objetividade e neutralidade podem atravessar toda a arquitetura da construção de uma notícia, transformando-se em subjetividade, com ares de imparcialidade, responsabilidade e legitimação. Nesse sentido, o jornalismo opinativo é ferramenta que permitiria maior grau de fabulação e abriria brechas para a construção mitológica, possibilitando uma avaliação axiológica.

Uma das reflexões deste artigo foi compreender se o ser humano ainda precisa ser conduzido por mitos, apesar do seu atual estágio de desenvolvimento cultural, e se o mito se presta a instrumento de manipulação nos meios de comunicação de massa.

Foi estratégico dividir este artigo em duas partes. Uma delas trata da reflexão teórica e a outra da análise de um fato.

São referenciais teóricos para o conceito de mito os trabalhos de Roland Barthes, Joseph Campbell, Mircea Eliade, Edgar Morin e Everardo Rocha. E, no campo ideológico e da comunicação, os padrões de manipulação da grande mídia, de Perseu Abramo, o conceito de jornalismo opinativo de José Marques de Mello, e ainda Stuart Hall, Wiener e Marx.

No estudo de caso, avaliou-se a cobertura em torno do ocorrido em 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro do Realengo, no Rio de Janeiro. É preciso observar que o objetivo aqui não é fazer a defesa ou condenar os envolvidos, mas sim refletir o tratamento dado pela mídia em torno do episódio.

Esse fato foi escolhido dado o cenário construído: uma situação de conflito, um personagem que é herói e outro, anti-herói; por cumprir ritos de passagem – situação de conflito – chamado e enfrentamento – superação – retorno à comunidade: caos, heróis (policiais) e vilão (assassino), com a polícia promovendo o restabelecimento da ordem.

¹ Stuart Hall entende que o homem da sociedade moderna tinha uma identidade que era claramente definida e localizada no mundo social e cultural. Mas frente a uma estrutura que está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, este cenário mudou. Se antes as identidades eram sólidas, há a fragmentação do indivíduo moderno, abrindo espaço para o surgimento de novas identidades. A globalização seria outro fator de influência ao alterar as noções de espaço e tempo.

O sargento Márcio Alves, autor do disparo que atingiu o atirador Wellington Menezes de Oliveira, foi reportado à sociedade como herói.

Para entender o episódio, recortou-se e analisou-se o conteúdo das notícias publicadas em alguns órgãos da grande imprensa, como TV Globo, portal G1, jornal *Meia Hora* e revista *Época*, pertencentes ao mesmo grupo, e *Istoé*.

Assim, uma espécie de herói moderno pode fazer sua trajetória sob a luz da mídia e teve seu momento de glória instantânea ao ser promovido apenas por sua visibilidade, o que ajuda a dar contorno a um fato que pode ganhar diversas versões. Isto não exige, obrigatoriamente, o reconhecimento pelo conhecimento que o mito detenha, algo que o legitime perante a sociedade. Hoje, o próprio conceito de mito é deturpado e associado ao que é mentira e a um discurso ficcional.

2. O QUE É MITO

As estruturas míticas parecem ser ahistóricas e se expressam simbolicamente. Na verdade, se for analisado como se dá a evolução da história da Humanidade, percebe-se que o mito permeia a narrativa de todos os povos e está na origem primordial de todas as coisas, dando significação e valor à existência, encontra-se no plano do sobrenatural, é fenômeno cultural: “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’.” (ELIADE, 2010: p. 11). O ato de narrar é, pois, antigo. E a sociedade guarda proximidade e familiaridade com a narrativa mítica.

Para o autor, “o mito do Superman satisfaz às nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo-se decaído e limitado, sonha revelar-se um dia “personagem excepcional”, um ‘herói’.”²

É preciso refletir sobre o que é o mito. Segundo Campbell, o mito (do grego antigo *μῦθος*, *mithós*) é uma narrativa de caráter simbólico, relacionada a uma dada cultura e associado ao rito. O mito procura explicar a realidade, os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, as origens do Mundo e do Homem por meio de deuses, semi-deuses e heróis. O rito é o modo de pôr em ação o mito na vida do Homem – em cerimônias, danças, orações e sacrifícios. O herói pode praticar, portanto, dois tipos de proeza: a) física – através de um ato de coragem e de bravura; ou b) espiritual – no qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem que traz benefícios aos seus semelhantes (1997: p. 131) e podemos entender este feito aqui também como atributo do jornalista.

Em **O Herói de Mil Faces** (2008: p. 36), Campbell revela que “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito”³.

² Ibid., p. 159.

³ O termo monomito é de James Joyce (**Finneganswake**, Nova York, Viking Press, Inc., 1939, p. 581 *apud* Campbell, 2008: p. 53). O termo monomito irá aparecer pela primeira vez, em 1949, no livro **O Herói de Mil Faces** de Campbell, também conhecido por ser estudioso da obra de James Joyce. Em co-autoria com Henry Morton Robinson, publica-se, em 1944, o artigo **A Skeleton Key to Finnegans Wake** (Uma chave-mestra para Finnegans's Wake), obra da qual emprestou o termo **monomyth** (monomito). Ele

O mito não só ordena o caos e evolui à medida que a cultura também se desenvolve, mas tem caráter norteador. O autor percebe o mito como uma narrativa real e com função pedagógica:

Não precisamos nem mesmo nos arriscar sozinhos na aventura, pois os heróis de todos os tempos já foram à nossa frente. O labirinto é bem conhecido, só temos de seguir os passos do herói. E onde pensávamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E onde pensávamos que teríamos de matar alguém, teremos de matar a nós mesmos. E quando pensávamos em viajar para fora, chegamos bem no centro de nossa própria existência. E onde pensávamos estar sozinhos, estaremos em companhia do mundo inteiro. (1988)

O mito é, inclusive, messiânico, conforme alerta Edgar Morin:

alimentamos com nossas crenças ou nossa fé os mitos ou as ideias oriundas de nossas mentes, e esses mitos ou ideias ganham consistência e poder. Não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia (2010: p. 53)

E ainda faz um alerta:

Os meios de comunicação de massa criam e potencializam os mitos, através da linguagem que privilegia a imagem, o sensorial e o emotivo. Dessa forma possibilitam que os espectadores se identifiquem e se projetem nas

faz referência ao conceito de jornada cíclica presente em mitos. Seu entendimento é um misto dos arquétipos junguianos, das forças inconscientes da concepção freudiana e da estruturação dos ritos de passagem por Arnold van Gennep. O monomito responde a três etapas: Partida (às vezes chamada Separação), Iniciação e Retorno. Segundo Campbell, todos os mitos obedecem a essa mesma estrutura de alguma forma. Na Partida, o herói lida com sua jornada; na Iniciação, com as aventuras vividas ao longo do seu caminho; no Retorno, volta para casa com conhecimento e poderes que adquiriu ao longo da jornada. O padrão do monomito serviu de base para George Lucas criar a saga *Star Wars*. Já Christopher Vogler, roteirista de Hollywood e executivo da indústria cinematográfica, aplicou essa teoria em memorando para os estúdios Disney, reunida no livro **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Roteiristas** (Nova Fronteira, 2006), que influenciou a produção de diversos filmes, como *A Pequena Sereia* (1989), *Mulan* (1998) além da clássica trilogia *Matrix*, dos irmãos Wachowski. Acesso em: 2 ago. 2011. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Monomito>.

personagens, vivenciando psiquicamente suas emoções: rindo, chorando, sentindo medo ou ternura. Para que isso aconteça são acionados os mecanismos de projeção e identificação. (2006 apud PIMENTA: p. 40)

Rocha aponta o caráter ideológico: “o mito não fala diretamente, ele esconde alguma coisa. Guarda uma mensagem cifrada. O mito precisa ser interpretado” e, ainda, “o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado. No entanto, possui um valor e, mais do que isso, uma eficácia na vida social”. (2008: p. 10)

E, para Roland Barthes, a imagem pode ser consumida esteticamente, representando uma máscara: “É por isso que os grandes retratistas são grandes mitólogos”. (1984: p. 58)

Foi dentro dessas vertentes elencadas que queremos entender a função do mito no plano da comunicação.

3. O MITO ÚTIL NA COMUNICAÇÃO

A imprensa, em sua origem, esteve associada às publicações radicais, na Europa, e como um espaço de debate público independente do Estado. Neste sentido, revolucionário. Antes, o exercício da atividade não era mercantil, mas se transformou ao longo do tempo.

Após a II Guerra Mundial, dois mitos aqui desembarcam no Brasil, ao adotar-se o estilo do jornalismo norte-americano: a imparcialidade e a objetividade, abandonando-se, na aparência, o jornalismo de opinião. Essa suposta neutralidade conferiria à mídia a possibilidade de fazer a mediação de conflitos sociais.

A própria comunicação é mediada, de acordo com Wiener que aponta ser possível uma seleção da mensagem:

Informação é um termo que designa o conteúdo de tudo aquilo que trocamos com o mundo exterior, e que faz com que nos ajustemos a ele de forma perceptível. O recebimento e a utilização das informações são processos do nosso ajuste às contingências do meio ambiente e de nosso viver efetivo nesse meio ambiente. (1978 apud RABAÇA; BARBOSA: p. 260)

Há atuação estratégica em curso. Uma das peculiaridades da mídia é a visibilidade que proporciona, o que lhe concederia autoridade a fim de determinar o que pode e o que não pode ser mostrado, passando pela seleção ideológica e construindo um diálogo que se pretende legitimar.

Uma das reflexões que pode ser feita é que a tecnologia provocaria, ao mesmo tempo, forte sedução e dissociação, uma alienação em função do seu padrão de velocidade que substitui a reflexão, como espaço de encontro de imaginários.

A sociedade contemporânea desenvolveu-se dentro de um sistema de mitos convenientes e é protagonista de dada violência: o sujeito só é sujeito quando pode consumir, quando tem acesso ao mercado, quando se transforma em objeto para usufruir, reflexo não só da tecnologia, mas também do sistema econômico. Existir tornou-se sinônimo de consumir. Para Stuart Hall:

esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação

às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (1987: p. 12-13)

Mas, é preciso realizar a articulação das partes com o todo, como indicava Marx:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso, é a unidade do diverso. Aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida da intuição e da representação. (1859: p. 15)

Como o texto jornalístico atual, em função dos padrões de manipulação, possibilita que haja diversas lacunas, aproxima-se da construção ficcional, da fabulação. A sociedade tem familiaridade com a narrativa mítica, um discurso de fácil apreensão. A recriação da realidade também é tangenciada por Umberto Eco, que faz o alerta:

qualquer narrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. (1994: p. 9)

A atual estratégia técnica e ideológica adotada pela mídia de fragmentar, ocultar, inverter e induzir, conforme aponta José Marques de Melo (2003), é um processo que se soma à adoção de poderoso e sedutor discurso muito utilizado pelo jornalismo quando se faz uso do chamado personagem, componente da narrativa, convocado a validar determinado ponto de vista, de fontes escolhidas ou de especialistas que promovam um debate que se quer democrático.

Para manter a audiência em alta, o mito parece ser estratégia e ao mesmo tempo fenômeno, no sistema que se retroalimenta por novidades constantes. A notícia deixa de ser fato para se transformar em mera representação e espetáculo, entretenimento. O próprio conceito de mito é deturpado e associado hoje ao que é mentira, a um discurso manipulado; esse mito beira a ficção, que responde à mesma raiz latina do verbo fingir.

O espaço de reflexão acaba sendo substituído pela velocidade. José Arbex Jr., em seu texto introdutório para o ensaio de Perseu Abramo, **Padrões de manipulação na grande imprensa**, alerta que a mídia hoje é uma das colunas de sustentação do poder e fonte legitimadora. Para ele, a aceleração tecnológica não só é um instrumento eficaz de

dominação, mas promotor da amnésia em função da imposição da velocidade informativa. (2003: p. 8-9)

Abramo avaliou os padrões que dividiu em ocultação, fragmentação, inversão (da relevância dos aspectos, da forma pelo conteúdo, da versão pelo fato, da opinião pela informação) e da indução e, portanto, o que a imprensa elege como fato jornalístico e não-jornalístico.

O comentário deveria ser complemento valorativo da notícia, mas Melo faz a reflexão: “o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente o que observa) e o poder de opinar, que constitui uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua”. (2003: p. 25)

O autor lembra que a atividade jornalística é eminentemente política e atrelada às operações comerciais da empresa; que há seleção de fontes, que se aplica uma linha editorial, que a pauta é filtro ideológico devido à verticalização do processo e que o todo legitima núcleos de poder:

O sistema de cobertura corresponde, portanto, a um fator decisivo na seleção das informações, pois ao privilegiar certas organizações ou núcleos da sociedade e ao omitir outras, a empresa praticamente marginaliza do fluxo noticioso vastos setores da vida social.⁴

Melo, em seu trabalho, cita Fraser Bond: “o jornalismo tem quatro razões de ser fundamentais: informar, interpretar, orientar, entreter”⁵, mas ao mesmo tempo recorda a grande responsabilidade da comunicação, por ser fenômeno universal.

Já Beltrão lembra que se por um lado o jornal tem o dever de exercitar a opinião, “toda opinião é somente a opinião de alguma pessoa” (1980: p. 17), reportando-se a Walter Lippmann⁶. Ele chama atenção para a função vertical opinativa, um dos pilares do jornalismo⁷.

Portanto, ao entender a manipulação ideológica pela opinião, utilizaremos os padrões de Abramo e os conceitos apontados por Melo para analisar um fato: o chamado “massacre do Realengo” que contém os elementos necessários à construção do mito.

⁴ Ibid., p. 80.

⁵ Ibid., p. 27.

⁶ **Opinião Pública**. São Paulo: Vozes, 2008.

⁷ Os outros ângulos da representação do triângulo retângulo no jornalismo seriam a informação e a diversão. (1980: p. 13)

4. O “MASSACRE DO REALENGO”

Trata-se do assassinato de 12 estudantes, entre 12 e 14 anos, ocorrido na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro do Realengo, no Rio de Janeiro, às 8h30, em 7 de abril de 2011. Outros 22 jovens ficaram feridos. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, ex-aluno, sob o pretexto de participação em palestra, entrou na escola com 2 revólveres e disparou mais de 100 tiros. Esta foi considerada a maior tragédia em escola brasileira.

Um aluno baleado, de 12 anos, que conseguiu fugir, buscou policiais militares, do Batalhão de Polícia de Trânsito Rodoviário e Urbano (BPRV), que realizavam blitz nas proximidades e foram até o local.

Oliveira foi atingido pelo 3º Sargento da PM Márcio Alexandre Alves. Segundo este, o atirador chegou a apontar-lhe a arma, mas não atirou. O policial teria disparado duas vezes na barriga de Oliveira, segundo a versão oficial e, depois, teria se suicidado, elevando para 13 o número de vítimas fatais.

O caso teve repercussão internacional: nos *sites* dos britânicos *The Guardian*, *The Daily Telegraph* e *BBC*, os norte-americanos *CNN*, *MSNBC*, *The New York Times* e *The Wall Street Journal*. Além de *Al Jazeera*, o espanhol *El País* e o argentino *Clarín*. A *CNN* e a *ABC News* replicaram imagens da *Rede Record* e da *Record News*.

Na análise feita, um dos recortes foi observar a utilização dos substantivos e dos adjetivos, sinalizados em negrito, como elemento de valoração e juízo de valor e, outro, observar os padrões apontados por Abramo.

Os vídeos da TV Globo do *Mais Você*, apresentado por Ana Maria Braga, foram mantidos apesar de o programa integrar o núcleo de entretenimento da emissora, pois compõem parte da cobertura realizada. O *Mais Você* dedica parte de seu programa ao jornalismo, como sinaliza em seu próprio perfil. Outra observação a ser feita é o imbricamento entre jornalismo e entretenimento na mídia, atualmente.

Horas após o crime, o governador e o prefeito do Rio de Janeiro, respectivamente Sérgio Cabral Filho e Eduardo Paes, concederam entrevista coletiva na escola, lamentando o ocorrido. Cabral classificou Oliveira de **psicopata** e **animal** e chamou de **herois** o sargento, as professoras e as crianças que conseguiram avisar os policiais, sem contextualizar as deficiências do sistema de segurança pelo qual é o responsável.

Mesmo diante de tanta comoção em frente às câmeras de TV, o governador e o prefeito estiverem ausentes na missa de 7º dia das vítimas.

Depois, a escola passou por reforma, foi pintada, mas pelo menos 34 crianças pediram transferência. “A Secretaria Municipal de Educação prometeu um inspetor para cada andar de todas as instituições de ensino e mais porteiros”, segundo apontou o jornal *Destak*⁸, mas não havia notícias de que isto tinha sido feito até este momento.

Na análise do *Jornal Nacional* (7/4/11), percebe-se a quase totalidade do programa dedicada à repercussão do fato no Brasil e no mundo. A apresentadora Fátima Bernardes conduz o noticiário ao vivo de costas para a Escola, seu cenário principal. Ao longo do programa, o uso de expressões como **tragédia brutal** e **imagens de horror**. Bernardes enfatiza que “o socorro veio de pessoas comuns”, apontando para a solidariedade onde o Estado falha.

Como entrevistados: Martha Rocha (chefe da Polícia Civil do RJ), o secretário de saúde Sergio Cortez, que reclama da violência totalmente desmedida, o policial Alves, o comentarista de segurança da TV Globo Rodrigo Pimentel (para quem a única solução é retirar as armas das ruas), além de diversos alunos.

Apesar da tentativa de uma linguagem asséptica, o tom emocional e as cenas editadas comprovam o sensacionalismo: há imagens de carteiras jogadas, cápsulas de bala e sangue no chão, cenas de pânico nos hospitais, mães gritando, gente agradecendo policiais e a exibição frequente das cenas gravadas por um amador mostrando os momentos de pânico de crianças e adolescentes, além do depoimento da presidenta Dilma Rousseff repudiando o ocorrido. As chamadas para os blocos seguintes do noticiário são exemplo: “o policial que impediu uma tragédia ainda maior” e “as reações no Brasil e no mundo e quem era o assassino”.

O perfil psicológico traçado por Ilana Casoy (pós-graduada em criminologia) no *Jornal Nacional* é digna de transcrição: “infelizmente [Oliveira] não é diferente de tantos assassinos em massa que percorreram já o mundo. Eles têm um histórico parecido, uma ação parecida, em geral se suicidam, no final. Têm baixa autoestima, voltam para agredir o que supostamente entenderam que é um grupo que os ameaçou, que os rejeitou. Fazem como que uma revanche, uma vingança neste local, planejam um ato espetaculoso, com muito armamento, causam estas tragédias e infelizmente

⁸ Publicado em 23 set 2011. SP.

ganham notoriedade através disto”. Ou seja, o cenário propício para a ação de um anti-herói.

Na interferência de alguns especialistas, fez-se referência a uma volta no tempo, pois Oliveira teria retornado a um ambiente no qual não foi aceito, a escola. Podemos lembrar Eliade quando diz “trata-se sempre de abolir o Tempo decorrido, de “voltar atrás” e de recomeçar a existência com todas as suas virtualidades intactas”. (2000: p. 79). Ou, ainda, “a revolta contra a irreversibilidade do Tempo ajuda o homem a “construir a realidade” e, por outro lado, liberta-o do peso do Tempo morto, dando-lhe a segurança de que ele é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar o seu mundo”⁹.

Em depoimento de parentes, vizinhos, ex-colegas, surge o retrato de que ele era **ausente, trancadinho, adotado, reservado, que sofria de bullying, meliante, esquisito, frio, sem amigos**, há referências à mãe biológica com problemas mentais, e que Oliveira havia abandonado seu tratamento psicológico.

O *Jornal* se dedica, nos dias seguintes, a dar mais destaque à quebra do sigilo eletrônico do atirador, à prisão dos homens que confessaram ter vendido a arma usada a ele e a traçar seu perfil psicológico.

Ana Maria Braga, no *Mais Você*, apresenta-se com parte da vestimenta branca, crucifixo no pescoço, música de fundo e textos emotivos. Os geradores de caracteres (gcs) são sensacionalistas, como “imagens exclusivas da escola no momento do massacre”. A apresentadora questiona diversos entrevistados se haviam conseguido dormir, se tiveram insônia, com o que sonharam, mas não fez esta pergunta às autoridades.

Ao longo do programa, no dia seguinte à tragédia, conversa com adolescente sobrevivente e com o comentarista de segurança da TV Globo, Rodrigo Pimentel, a quem pergunta se poderia ter sido feito algo que pudesse ter evitado o fato. A resposta dele foi não. Curta e descontextualizada. Outro entrevistado foi o psiquiatra Eduardo Ferreira dos Santos.

Na reportagem da *Época* não foram ouvidos especialistas, mas há indução a determinadas conclusões, que se baseiam na opinião dos jornalistas que assinam a matéria “Comprei uma arma ilegal” (Nelito Fernandes) e “A mente doentia do assassino” (Hudson Corrêa e Humberto Maia Jr.), além de supostos depoimentos de

⁹ Ibid., p. 124.

vizinhos e conhecidos de Oliveira. Não foram ouvidos líderes religiosos ou autoridades ligadas à segurança e ao governo.

No *Meia Hora* é possível encontrar: **louco, simpático a atos terroristas, tinha enorme sede de matar, matador, monstro de Realengo, Wellington foi jogado na lata de lixo pelos colegas, alguém que só andava de calça e camisa para dentro, solitário, sem amigos nem namoradas, uma pessoa com doença mental, psicopata.** Em contraponto, Alves foi **recepcionado como herói, aplaudido por mais de um minuto pelo público que queria abraçá-lo e tocá-lo**, na missa de 7º dia das vítimas.

O caminho escolhido pela linha editorial do *Meia Hora* foi privilegiar um recorte emocional, com tonalidades sobrenaturais: o pai de uma das alunas afirmou que entendeu um **sonho estranho** como **premonição**; a gata de estimação da filha também esteve **estranha** no dia da tragédia. Outro aluno, em seu depoimento, achou tratar-se de uma **peça de teatro** quando Oliveira entrou na sala atirando.

Também há referências sobre dados da polícia que investigava um suposto perfil de Oliveira na rede de relacionamentos Orkut fazendo menção a futura chacina em colégio do Rio postado uma semana antes do fato. A mesma mensagem teria sido publicada, ainda, em perfil do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) e em fórum de debate sobre *bullying* (agressões e constrangimento em ambiente escolar).

Conclui-se que a construção dessas notícias se apoia em fatos não palpáveis, não apurados em matérias posteriores, privilegia o discurso emocional e reforça o retrato do mito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso do Realengo, é importante notar não só o desencontro de informações por parte da mídia, que chegou a apontar 20 vítimas fatais, se Oliveira atirou ou não antes de ser alvejado, e a revolta da multidão que queria invadir a escola para linchar Oliveira, mas que foi impedida por um (sic) guarda, de acordo com o *Jornal Nacional*.

É possível observar a falta de articulação da comunidade – não acostumada a solicitar segurança eficiente e escolas funcionais – e o deslocamento do âmbito de responsabilidades. Há desencontro em relação às opções religiosas de Oliveira: teria proximidade com o islamismo, o judaísmo e a Igreja Testemunhas de Jeová, fatos negados por todos os respectivos líderes religiosos, mas que pontuam a presença do sobrenatural. Também houve imprecisão quanto ao fato de Oliveira ter agido sozinho ou com a ajuda de outras pessoas.

O menino alvejado, que procurou o policial, não obteve a mesma exposição como herói, seu depoimento não foi encontrado em nenhuma mídia analisada. A própria mídia falou pelo PM na construção da sua imagem, que serviu não somente para resgatar o orgulho da polícia carioca, mas também reafirmar um discurso de autoridade, a correção da desordem, seguida de postura neutra por parte do Poder Público que não tomou o problema para si e sequer promoveu soluções naquele momento e nem em um momento posterior.

Percebe-se forte presença de adjetivos nos discursos construídos, quando a linguagem jornalística pediria uma construção mais substantivada, evitando-se juízo de valor e reportando-se à narrativa de um fato; o cenário foi construído pelo gênero opinativo. A objetividade perdeu-se nas narrativas. Houve, ainda, hierarquização das informações oferecidas pela mídia à sociedade.

Essa compreensão mítica da realidade se choca com a origem do jornalismo, em função do que deveria ser sua percepção e razão esclarecedora da realidade. Nesse sentido, aproxima-se de uma linguagem ficcional. É perceptível, portanto, a linha tênue que demarca o campo lógico do jornalismo: a legitimidade do discurso jornalístico deveria se centrar em um fato, ser recorte e relato do que é real, ponto que definiria sua objetividade em contraponto ao jornalismo opinativo.

A utilização de especialistas para opinar sobre o ocorrido foi essencial na consolidação de um determinado ponto de vista. Por isso, entende-se que ser especialista exige não só conhecimento, mas também perspectiva histórica, o que a mídia não conseguiu fazer, neste caso, diante de um recorte rápido e instantâneo da realidade que retrata no dia-a-dia. Esse ritual por parte da imprensa se dará até o próximo acontecimento, que terá o mesmo tratamento, não promovendo um verdadeiro debate público de temas essenciais à sociedade, sendo mais uma válvula de escape.

É possível observar que os discursos analisados humanizaram a figura de Alves e desumanizaram a de Oliveira a ponto de justificar sua quase execução, como um indivíduo desprovido de direitos, cujo processo de inclusão social nunca se completou.

Exemplo disto é a retrospectiva 2011 da *Veja*¹⁰. Com o título *Retrato da loucura*, a revista afirma sobre Oliveira: “Assim fez o atirador de Realengo, que se suicidou depois do massacre e de cujo nome ninguém mais se lembra”. E, realmente, não há nenhuma referência ao seu prenome e sobrenome.

Por outro lado, a vida pessoal de Oliveira parece interessar à sociedade somente quando morto. A tragédia é descolada da responsabilidade da sociedade e da família, da omissão das autoridades governamentais, da escola ao falhar na missão de educar, ou seja, o fato é descontextualizado de todo um histórico de falência das relações sociais.

Conclui-se, portanto, que a sociedade ainda se utiliza de ritos mitológicos na construção de suas narrativas. Foi criado um cenário de conflito (Realengo), polarizado por um herói (policial) e um anti-herói (Oliveira) que traçou uma jornada, atendendo a mentores (o grupo ao qual diz pertencer).

Pelo exposto, a pesquisa confirmou a hipótese de construção mitológica na comunicação diante da utilização do discurso opinativo, da disponibilidade de fontes, do recorte dos padrões de Abramo, que não permitem à sociedade angustiada de hoje confrontar fatos e versões possíveis em função da fragmentação, ocultação, inversão e indução. A complexidade do tema tratado aponta para o necessário aprofundamento e continuidade desta pesquisa.

¹⁰ São Paulo: Abril, ed. n. 2249, ano 44, n. 52, 28/12/2011, págs. 102-103.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ADORNO, T. **Indústria cultural e a sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- CAMPBELL, J; MOYERS, B. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2008.
- _____. **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- ECO, U. **Os seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KEHL, M. R. **O Falo da Fala**. In: Atrator Estranho - Destinos da sexualidade na era tecnológica. São Paulo: Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, n. 16, ago, 1995.
- MARTINEZ, M. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: AnnaBlume & FAPESP, 2008.
- MARX, K. **Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política**. Acesso em 15 nov. 2011. Disponível em <http://www.pcb.org.br/portal/docs/criticaeconomia.pdf>.
- MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- NETO, G. **Mito e comunicação: a importância da mitologia e sua presença na mídia**. São Paulo: Plêiade, 2010.
- PIGNATARI, D. **Informação, Linguagem, Comunicação**. São Paulo: Cultrix, s/d.
- PIMENTA, M. A. **Comunicação empresarial**. Campinas: Alínea, 2006.

RABAÇA, C. A; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri/Pasquim, 1978.

ROCHA, E. **O que é mito**. Coleção Primeiros Passos, n. 151. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SODRÉ, M. **O monopólio da fala**. Função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1981.

DVD

O PODER DO MITO. Produção de CAMPBELL, J; MOYERS, B. Rio de Janeiro: Editora Multimídia, 1988. 4 DVDs (474 min.), Fullscreen, color.